

“ QUANDO A FULBRIGHT CHEGOU NA MINHA VIDA. QUE BENÇÃO!” - NARRATIVAS DE PROFESSORES DE INGLÊS PARTICIPANTES DO PDPI

Edna Sousa Cruz

Professora da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão-UEMASUL

Resumo

Estudo desenvolvido no campo da formação continuada do professor de língua estrangeira discute a proposta do Programa de Aperfeiçoamento Para Professores de Inglês (PDPI) de estudo no exterior para professores deste idioma da rede pública.

O objetivo é analisar os discursos que interpelam o professor a considerar a vivência no exterior como o legitimador principal do seu domínio da língua inglesa.

Como metodologia utilizou-se a História Oral Temática entendida nesta pesquisa como discurso referente às versões do passado, à memória, à subjetividade e ao diálogo.

Entrevistou-se nove professores dos estados do Maranhão e do Pará selecionados pelo Programa Fulbright para estudar em Nova York.

Os dados apontam que estudar fora do Brasil é considerado como elemento que concede status ao professor e prestígio à escola onde ele atua, ainda que haja um descompasso entre o que o curso no exterior oferece e o que os docentes dizem necessitar aprender.

Palavras chave: formação; discurso; estudo no exterior.

Introdução

A difusão da ideia de que a experiência de imersão total seja a maneira mais eficaz de ampliar os conhecimentos linguísticos, culturais e pedagógicos sobre dada língua estrangeira é, talvez, em sala de aula, uma das barreiras mais difíceis de quebrar. Por isso, as motivações para pesquisar o PDPI incluem nosso interesse em saber até que ponto a experiência de um curso no exterior oferece a tão propalada qualificação de nível elevado. Outra questão é entender como o reconhecimento do professor enquanto usuário competente da língua inglesa, sempre associado com a experiência de estudo no exterior, é construída nas narrativas dos docentes entrevistados.

A representação do curso no exterior como essencial à formação do professor de idiomas tem valor central na sala de aula. Tensionar o imaginário de uma formação que, mesmo aligeirada, apresenta-se, como modelo de perfeição simplesmente porque ocorre em um país anglófono — de preferência os Estados Unidos é tarefa árdua. Isto porque a imagem do “bom professor” de língua inglesa está comumente vinculada ao domínio da língua semelhante a do ‘nativo’ que só a viagem para o exterior oferecerá.

Iniciado em 2010, o PDPI é uma iniciativa do governo federal coordenada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Comissão Fulbright. O PDPI é um programa destinado à formação continuada do professor de inglês atuante em escolas de ensino básico da rede pública que visa capacitar o professor deste idioma por meio de curso intensivo em universidades americanas. Seus objetivos presumem metodologias de ensino e avaliação que estimulem professor e aluno a praticar a inglesa em situações de ensino e aprendizagem desta (BRASIL, 2011).

Tomando como elemento norteador as narrativas dos professores de inglês participantes do PDPI 2013, a pesquisa objetiva analisar os discursos que interpelam o professor de inglês a considerar a vivência no exterior como legitimadora fundamental de seu saber em língua estrangeira. Estudar no exterior funciona como significativo importante na diferenciação e na identidade do professor de língua inglesa. Por este viés buscamos também

investigar os efeitos do americanismo na construção das versões de identidade do docente selecionado para estudar fora do país.

Metodologia

O *corpus* deste estudo deriva de relatos orais obtidos de professores de língua inglesa da rede escolar pública. Os dados foram gerados por meio de transcrição de entrevistas semiestruturadas com cinco professores do Pará e quatro do Maranhão. Como critério para escolher os entrevistados, estabelecemos formar um grupo o mais heterogêneo possível: professores com níveis de qualificação e proficiência distintos, com vivência no exterior e sem, moradores da capital e do interior dos estados do Maranhão e do Pará.

Optar pela História Oral como metodologia investigativa exigiu saber quem é essa pessoa-professor e professor-pessoa (NÓVOA, 1992) de língua estrangeira à luz da apresentação de si. Investigar a formação do professor por meio de sua narrativa de vida ajudou-nos “nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo” (GOODSON, 1992, p.75). A História Oral é um modo específico de discurso referente às versões do passado, à subjetividade, ao diálogo, e à memória (PORTELLI, 2001).

Duas concepções de memórias circulam na análise das entrevistas: a memória enquanto objeto de análise histórica, da qual se ocupa a História oral, e a de memória discursiva, tal como convocada pela Análise do Discurso. A utilização deste conceito para análise das entrevistas possibilitou identificar as várias posições-sujeitos ocupadas pelos professores entrevistados tendo em vista os lugares sociais que ocupam.

No caso do lugar discursivo do professor brasileiro de inglês, analisamos, nos excertos narrativos dos participantes da pesquisa, domínios discursivos dos quais derivaram as análises de vários outros: do discurso do utilitarismo — através do qual “o sujeito enunciador produz o apagamento de que sempre houve uma imposição de valores e de outros aspectos culturais relacionados à língua inglesa no ensino dessa língua” (GRIGOLETTO, 2003, p. 41); do discurso da perfeição linguística em língua estrangeira — que em dados enunciados, também, veicula o discurso da falta de proficiência nesta; do discurso da obrigatoriedade do professor de inglês estudar no exterior como forma de legitimar o domínio desse idioma e sua posição de professor de língua estrangeira.

Resultados e Discussão

O envio de profissionais, estudantes e pesquisadores brasileiros aos Estados Unidos continua a evidenciar o empenho desse país em propagar valores e instituições através daqueles a quem foram concedidas oportunidades de conhecê-lo. Isso demonstra que os esforços para “americanizar” o Brasil na década de 1940 teriam sido bem-sucedidos

Na fala dos entrevistados a interpelação ao discurso que atribui valor incalculável ao que vem de fora mostra o trabalho do *soft power* (“força suave”) dos Estados Unidos. Enunciados como “domínio americano sobre todas as coisas” e “influência imensa que os Estados Unidos têm sobre os outros países” são exemplos de discursos já em circulação acerca de sentidos cristalizados sobre o “americanismo” e os Estados Unidos como “superpotência” econômica, política e educacional.

A imagem dos Estados Unidos como país paradigmático (TOTA, 2014), modelo de sociedade a se espelhar que atravessa a fala dos docentes ocorre na comparação em que o Brasil figura como “gigante atrasado e pobre” (TOTA, 2014, p. 104), materializado na representação do Brasil como país medíocre.

A articulação em níveis geopolíticos do programa de intercâmbio constatou que os projetos globais de *soft power* são aceitos de pronto pelo professor e pelos demais membros da comunidade escolar. Exercendo seu poder pela atração por valores desse país — concretizados pela cultura (NYE, 1990) —, essa “força suave” produz subjetividades que se traduzem no sonho de conhecer, por exemplo, Nova Iorque; na disposição de conhecer os Estados Unidos — ainda que através dos muros da prisão de Guantánamo.

A interpelação dos docentes pela ideologia da viagem internacional como legitimadora da proficiência do professor de língua estrangeira opera em meio ao atravessamento do

discurso de legitimação dos professores dos Estados Unidos — supostamente os ideais para o ensino de inglês.

Perpassa os relatos dos docentes entrevistados a ideologia que propaga que falar inglês é elemento de distinção social. Interpelados por esta ideologia os docentes por supervalorizarem a experiência de estudar no exterior a consideram como complemento essencial à sua formação de professor de língua estrangeira.

Conclusões

A fala dos entrevistados sinaliza que participar do programa de intercâmbio empodera duplamente o docente: pela aprovação no TOEFL, a qual lhe atribuiria competência linguística para reivindicar uma voz na língua estrangeira almejada. E, pela viagem para os Estados Unidos e a distinção social que esta proporcionaria ao docente dentro e fora da escola.

Contudo, os relatos evidenciam desencontro entre a proposta do curso e as expectativas quanto à formação oferecida. A começar pelo descompasso entre o que foi ensinado no curso de formação no exterior e o que os docentes dizem necessitar aprender. O distanciamento entre o imaginado e o oferecido gerou frustração nos docentes e provocou conflitos de identidades.

A tensão girou em torno do caráter de doutrinação assumida pelo curso. Nesta direção as falas dos docentes evidenciam que a concepção de formação que norteou o programa de intercâmbio, subjaz a intenção de inculcar uma cultura e propagar a imagem de que a educação nos Estados Unidos é de qualidade superior. Outro ponto conflitante diz respeito às poucas oportunidades de prática da língua inglesa no contexto formal do curso.

A fala dos entrevistados deixa entrever desapontamento dos docentes com o ambiente de aprendizagem: constituído de brasileiros. Disso se pode deduzir que o curso pouco contribuiu para ampliar a proficiência dos docentes. As desconstruções mais visíveis nos relatos se referem à ideia de um curso exigente, desafiador e capaz de suprir as necessidades dos professores de inglês participantes.

A leitura analítica dos relatos mostrou que a viagem — e não o curso — foi a experiência que não passou sem deixar marcas. Viajar para o exterior redefiniu o olhar do professor sobre si mesmo. Sob esta perspectiva o intercâmbio é uma narrativa de renegociação das identidades pessoal e profissional.

Essas renegociações são tecidas nos investimentos e esforços empreendidos pelos docentes para utilizarem a língua inglesa em um contexto real cercado de imprevisibilidades. Ao intercambiarem informações com falantes dessa língua, eles reorganizam continuamente a imagem de si e o modo como se relacionam com o mundo social (NORTON; KAMAL, 2003).

A experiência de estudar fora do Brasil é considerada pelos entrevistados como elemento que daria *status* ao professor de inglês e a escola onde ele atua. Portanto, o intercâmbio do qual participaram, funciona como significante importante na diferenciação e na identidade porque porta as representações que alunos, direção escolar e professores de língua inglesa atribuem à experiência de estudar fora do país.

Referências bibliográficas

BRASIL. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR/CAPES (Com— embaixada dos EUA — Fulbright — certificação nos EUA para professores de língua inglesa). Edital 35/2011.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio. Vidas de professores. Porto: Porto editora, 1992, p. 31–61.

GRIGOLETTO, M. Um dizer entre fronteiras: o discurso de professores e futuros professores sobre a língua inglesa. Trab. Ling. Aplica, v. 41, p. 39–50, jan.–jun. 2003.

NORTON, B.; KAMAL, F. The imagined communities of English language learners in a Pakistani school. Journal of language, Identity & Education, v. 2, n. 4, p. 301–17, 2003.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: ____ (Coord.). Vidas de professores. Porto: Porto editora, 1992, p. 11–30.

NYE, J. Soft Power: the means to success in world politics. New York: Public Affairs, 2004.

PORTELLI, A. História Oral Como Gênero. Projeto História, PUC-SP, São Paulo, n. 22, p. 9–36, jun. 2001.

TOTA, A. P. O Amigo americano: Nelson Rockefeller e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.